

Revista **FONTES DOCUMENTAIS**

TINTA SOBRE PAPEL: INFORMAÇÃO EPISTOLAR OU EGODOCUMENTO COMO INFORMAÇÃO DO EU¹

*FROM INK ON PAPER:
EPISTOLARY INFORMATION OR EGODOCUMENT AS SELF-INFORMATION*

DOI: 10.9771/rfd.v8i0.66259

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Letras e Mestre em Ciência da Informação pela UFPB. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (Gecimp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6836-3102> E-mail: bernardinafreire@gmail.com

RESUMO

O presente artigo trata da informação epistolar sob a perspectiva do egodocumento ou ainda informações do eu, constante do Arquivo Pessoal de José Simeão Leal, especificamente, o conjunto de nove cartas trocadas entre o titular e sua esposa Eloáh Drummond no período de 28 de outubro a 17 de dezembro de 1956. O *corpus* foi escolhido pelo método intencional (Aróstegui, 2006) e se justifica pelo fato desse período envolver os dois missivistas em situações delicadas como “doença, separação e perda”, eventos que fazem com que os sujeitos se mostrem mais intimamente, como afirma Barthes (1974). Trata-se de uma abordagem de pesquisa qualitativa com enfoque histórico-documental no qual são considerados para além do conteúdo todas as marcas evidenciadas também na materialidade do suporte, ancorando-se teoricamente em Camargo e Goulart (2007) que arregimentaram pela primeira vez em seus escritos, na literatura arquivística brasileira, o termo egodocumento, no qual afirmam ser estes capazes de evidenciar as “zonas de penumbra”, desnudando aspectos nem sempre valorizados pelos arquivistas. Associamos a esta compreensão o entendimento de Foucault (1992) e Gomes (2004) na teoria da escrita de si, culminando com o conceito de informação epistolar de Andrade (2014). Os resultados revelam uma escrita cheia de confissões, dores, arrependimentos, trocas e o desejo de retomadas. Sentimentos expressos em ato contínuos de um movimento dialético entre passado e presente, testemunho do tempo!

Palavras-chave: Informação epistolar; egodocumento; escrita de si; correspondência pessoal; memória documental.

ABSTRACT

This article examines epistolary information from the perspective of the egodocument or self-information, based on the Personal Archive of José Simeão Leal, specifically a set of nine letters exchanged between him and his wife, Eloáh Drummond, from October 28 to December 17, 1956. The corpus was intentionally selected (Aróstegui, 2006) due to the fact that this period involved both

¹ O texto foi construído inicialmente para compor a tese de doutorado da autora e complementado durante o estágio pós-doutoral realizado junto ao Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

correspondents in delicate situations such as "illness, separation, and loss," events that, as Barthes (1974) suggests, lead individuals to reveal themselves more intimately. This study employs a qualitative research approach with a historical-documentary focus, considering not only the content but also all the material traces present in the documents. The theoretical foundation is based on Camargo and Goulart (2007), who introduced the term egodocument into Brazilian archival literature, emphasizing its ability to unveil "shadowy zones" and expose aspects not always valued by archivists. This perspective is further enriched by Foucault's (1992) and Gomes' (2004) theories on the writing of the self, culminating in Andrade's (2014) concept of epistolary information. The results reveal a form of writing filled with confessions, pain, regrets, exchanges, and the desire for reconciliation—feelings expressed in a continuous act of a dialectical movement between past and present, a testimony of time itself!

Keywords: Epistolary information, egodocument, self-writing, personal correspondence, documentary memory.

1 INTRODUÇÃO

Remexendo no que ainda restou para a leitura e a apreciação do acervo de José Simeão Leal, deparei-me com algumas cartas trocadas entre ele e Eloah, enquanto esteve fora do Brasil, em viagem cultural pela Índia, em 1956. As cartas contam uma história de amor, repleta de paixão, cumplicidade e generosidade; uma história que, certamente, engrandece a memória dos seus personagens. De início, pensei em apenas ler, apreciar as cartas, deixando-as quietas no arquivo, por entender que, apesar de decorridos mais de cinquenta anos de sua escritura e de quase vinte e oito anos do falecimento de Simeão, em 1996, aquilo me parecia um ato imperdoável de invasão. Entretanto, cada carta que Simeão Leal escrevia me pareceu construída em constante relação com algumas formas de expressão evidenciadas em outras cartas de caráter menos pessoal.

Isso posto, e com a consciência tranquila, segui adiante, a fim de apreender os ecos e os entrecruzamentos enunciativos que o próprio autor articula no ato de escrever (Foucault, 1992). É justamente no conjunto das cartas de Simeão, enviadas para Eloah, e vice-versa, que examino aqui, procurando observar a forma como essas cartas foram produzidas e colecionadas, tentando, assim, perceber a intencionalidade dos missivistas, suas confissões, ou ainda o mais contido do seu interior capazes de revelar aspectos particulares de uma determinada época, assim como individualidades intrínsecas do relacionamentos dos missivistas, uma espécie de egodocumento, uma vez que podemos afirmar que nas cartas prevalece uma memória descritiva conforme assinala Britto e Corradi (2018). Perspectiva que corrobora com a concepção de Camargo e Goulart (2007) ao afirmarem que arremeteram pela primeira vez em seus escritos, na literatura arquivística brasileira, o termo egodocumento, no qual afirmam ser estes capazes de evidenciar as “zonas de penumbra”, desnudando aspectos nem sempre valorizados.

Do ponto de vista metodológico trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque histórico-documental no qual são considerados para além do conteúdo todas as marcas evidenciadas também na materialidade do suporte, ancorando-se teoricamente em Camargo e Goulart (2007). O *corpus* constituído de nove cartas trocadas entre José Simeão Leal e sua esposa, Eloáh Drummond, no período de 28 de outubro a 17 de dezembro de 1956. O *corpus* foi selecionado pelo método intencional (Aróstegui, 2006), e se justifica pelo fato desse período envolver os dois missivistas em situações delicadas como “doença, separação e perda”, eventos que fazem com que os sujeitos se mostrem mais intimamente, como afirma Barthes (1974).

Outro aspecto a ser considerado na análise dessas cartas é o fato de Simeão tê-las deixado em seu acervo, sem qualquer restrição, ratificado pelo fato de Eloah mesma entregar o conjunto dos documentos, entre os quais, esse grupo de cartas, doadas em cartório ao Estado da Paraíba e atualmente pertencentes a Fundação Casa de José Américo, entidade governamental responsável pela salvaguarda do acervo.

2 INFORMAÇÃO EPISTOLAR: MEMÓRIAS EM CORRESPONDÊNCIAS

No campo da Ciência da Informação, pelo menos em nível de Brasil, os estudos epistolares ainda se revelam incipientes, contrariamente com outras áreas do conhecimento, a exemplo da literatura, da educação. No caso específico da Ciência da Informação, há algumas exceções, a exemplo da abordagem de cartas como série arquivística. Para fins desta pesquisa, entendemos a correspondência como um artefato de informação e memória capaz de revelar aspectos significativos da memória individual e coletiva, bem como das relações de sociabilidade, de histórias de vida tornando-se um significante de informações forte sob a perspectiva teórica de Morin (1986) .

Enquanto artefato, a informação só tem existência quando percebida como tal, e só é estabelecida essa percepção quando, de algum modo, ou em alguma circunstância, é criada uma relação de significação (Azevedo Netto, 2007). Desse modo, essa relação se efetiva na medida em que:

Se a informação é um artefato, ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração. Sendo artefato, ela pode ser utilizada em contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto, passível de recontextualização (Pacheco, 1995, p. 21).

Para tanto, traduz-se nesse texto a concepção de informação epistolar atribuída por Andrade (2014):

Conjunto de enunciados que expressa testemunhos, desabafos, sentimentos, confissões, desamores, amizades, negócios, história de vida, situadas no tempo, espaço e movimento, determinados socialmente e designados para um destinatário, quer seja este real ou imaginário, passivos de significação e interpretação (Andrade (2014, p. 45).

A compreensão do conceito adotado encontra fertilidade na teoria da escrita de si (Foucault, 1992), considerado de acordo com Gomes (2004, p. 14) que este modo de escrita “assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a sua verdade”. Nessa vertente, podemos afirmar que toda correspondência se revela como uma espécie de eletrocardiograma capaz de perceber as menores palpitações da alma, seus abalos, e seus cataclismos são neles registrados como afirmou Jean-Phillippe Arrou-Vignod em *Le Discours des Absents* (1993). Assim, complementa Camargo (2000), objeto cuja materialidade se expressa nas cores, nas texturas, nas formas, nas letras e nas infinitas combinações desses elementos; uma materialidade que pode se apresentar em folhas soltas ou organizadas em conjunto quando impressas em um livro; epístolas que são textos por serem produções escritas; epístolas que são discursos, nas quais se buscam interpretações e significados históricos.

Diante do que se pode reiterar a importância da correspondência com um fértil terreno de estudos para a Ciência da Informação, sobretudo quando compreendemos que as cartas “[...] têm um valor de veracidade que o das memórias guardadas em segredo para revelação secular futura. É que o amigo que recebe a carta pode controlar os casos e almas contadas”, como escreveu Mário de Andrade em Carta a Sérgio Milliet, datada de 1940.

3 LETRAS DA MEMÓRIA: NA INTIMIDADE DO EU E O NÓS

Barthes (1974, p. 12), que os escritos se revelam como “algo que se leu, ouviu, experimentou”. E completa que as cartas de amor “é pois [de] um apaixonado que fala e diz”. Ante a esse entendimento o conjunto de cartas trocadas entre Simeão e Eloah, revelam aspectos de sua privacidade, àquelas :

Minha querida Veinha,

Estou te escrEVendo de Atenas. Em Roma ESTIVE um dia, onde fiz um esplêndido passeio de AUTOMÓVEL. Bem podes imaginar a minha emoção quando cheguei aqui a contemplar as ruínas de Delfos, Acrópole e os Museus. São os mestres da manifestação de um poVO, que com seus artistas, escritores e filósofos marcaram um

dos pontos mais altos na história da humanidade. Na noite de minha chegada assisti a um espetáculo magnífico: o Partemon, todo iluminado no alto de uma colina que domina toda a cidade. Foi uma impressão insuperável de serena beleza. Roma, desta VEZ me pareceu completamente diferente. Suas mulheres mais bonitas e elegantes. Os homens mais bem Vestidos. Todos os AUTOMÓVeis de último modelo, enfim um ar de conforto e completa recuperação econômica, física e moral. Amanhã seguirei para Istambul.

Não deixarei de te ESCREVER sempre, porque nunca tive tanta necessidade de ação como agora. Sua presença não mais poderei dispensar, e esta viagem serviu realmente para me convencer de uma coisa que eu já pensava: que minha vida sem você ela fica vazia e sem objetivo.

Não estou muito interessado em ir a América desta Vez, porque não VOU ter nenhum proVeito com uma VIAgem tão rápida como a que TIVE de fazer, a menos que surja uma razão muito forte.

Tenho estado sempre junto do casal Sauer, eles têm sido para comigo muito atenciosos.

[...] Quando é que VOCÊ VAI ao Rio Grande? Me ESCREVA para NOVA Delhi me dando notícias e dizendo como Vai o tratamento.

Muitas e muitas saudades de quem agora tem a certeza absoluta de que quer minha Veinha. Teu para sempre e muitos beijos (28/10/1956).

Simeão, em uma narrativa quase cênica, revela-se tocado pelo lugar: “foi uma impressão insuperável de serena beleza”, cujo cenário parece despertar o sentimento mais profundo em relação a Eloah e o momento que ele vivia, marcado pela separação temporária. Tanto que reconhece a falta dela e expressa, em um jogo discursivo, a satisfação e a ausência, elementos constitutivos dessa união: “nunca TIVE tanta necessidade de ação como agora. Sua presença não mais poderei dispensar, e esta VIAgem SERVIU realmente para me conVencer de uma coisa que eu já pensaVa: que minha VIDA sem VOCÊ ela fica Vazia e sem OBJETIVO”.

A distância física provoca em Simeão Leal forte paixão, estabelecendo seus escritos em uma estratégia maior de proximidade: “nunca TIVE tanta necessidade”. Esse recurso é utilizado para sensibilizar a amada, ao tempo em que também a convida para participar da viagem, que o faz num recorte detalhado de um olhar etnográfico, envolvendo minúcia, detalhamento dos espaços e costumes, descrição pormenorizada. Prática que aplicou não só aos lugares como aos sentimentos, debulhando a saudade pela ausência. Assim, Eloah, marcada pelo olhar sensível do amor, manifesta:

Meu muito querido Veinho,

Tenho sentido tantas saudades tuas que nem podes imaginar!

É um sentimento misto de tristeza e prazer; tristeza por me VER longe de quem tanto quero e que é tudo para mim; prazer por saber que estás realizando esta MARAVILHOSA VIAGEM que será de grande proVeito para o meu querido. Tenho certeza que com tua sensibilidade sentirás como ninguém toda a beleza e magia destes países MARAVILHOSOS.

EscreVe-me contando tudo, pelo menos terei a sensação que também estou participando deste espetáculo fabuloso.

Aguardo com ansiedade tuas impressões. Agora VOU dar-te notícias do “SERVIÇO”. Rinaura tem telefonado diariamente. Tudo calmo e sem alteração. [...] Chegou da Imprensa [Nacional] o seguinte material para REVISÃO: Coletânea Teatro nº 2
Ideias e Figuras de Hermes Lima
Urologia e a história de Elísio Conde
Verticais de Muniz Bandeira (PROVas para última REVISÃO do autor)
Portinari
Notícia de VISITAÇÃO ao Rio Amazonas de Thiago de Mello (PROVas paginadas para mostrar ao autor).
Foi remetido o original para a Imprensa do trabalho “Pequeno mundo de outrora”.
[...] Felizmente Edy já está aqui comigo. Transferi a passagem de papai para Constellation que sai sábado, e Tude TEVE a gentileza de ir LEVÁ-LO ao Galeão.
Comecei ontem meu tratamento. Espero terminá-lo lá para o dia 15. A única coisa que te peço, meu amor, é que não deixes de me ESCREVER sempre. Tuas cartas VIRÃO amenizar um pouco esta separação para mim tão dolorosa.

Beijo-te com todo carinho a tua Veinha (01/11/1956).

Na carta, Eloah, apesar do doloroso momento pelo qual passava – distanciamento do amado, retorno do pai para o Rio Grande do Sul e o tratamento médico a que estava sendo submetida, reage aos encantos descritivos do marido: “Escreve-me contando tudo, pelo menos terei a sensação que também estou participando deste espetáculo fabuloso”, encorajando-o a continuar sua viagem e, ao mesmo tempo, levá-la consigo, que o acompanha em pensamento e aos prazeres sentidos.

Eloah registra as veementes angústias de seu coração apaixonado:

“Tenho sentido tantas saudades tuas que nem podes imaginar! É um sentimento misto de tristeza e prazer; tristeza por me VER longe de quem tanto quero e que é tudo para mim; prazer por saber que estás realizando esta MARAVILHOSA VIAGEM que será de grande proveito para o meu querido”.

Apesar disso, ela o encoraja a continuar realçando a importância do momento para ele. Nessa forma, ela renuncia a si mesma em nome do prazer do outro e despede-se, numa demonstração de fragilidade pelo estado de distanciamento e, ao mesmo tempo de desejo: “A única coisa que te peço, meu amor, é que não deixes de me escrever sempre. Tuas cartas virão amenizar um pouco esta separação para mim tão dolorosa”.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que revela sua íntima dependência desse amor, demonstra também sua capacidade de auxiliar ao profissional, preocupada em manter a qualidade que todos nele reconhecem – a de um exímio editor público, responsável. Nesse misto de sentimentos díspares, ela o deixa a par das atividades do Serviço de Documentação, demonstrando companheirismo e cuidados, apesar da sua fragilidade física.

A distância, aliada à reflexão vivenciada pelo casal, parece atrair uma espécie de sintonia interior, marcada pelo momento da escritura das cartas. Ambos escrevem na mesma data, 01 de novembro, situação análoga que revela a (re)descoberta do amor, o desejo de estar próximo, de dizer ao outro seus sentimentos, tanto que Simeão, ainda sem resposta à primeira carta enviada, remete outra. Persistente, não hesita em dar voz ao coração, à dor de uma possível perda amorosa, física, do corpo que o acalenta/esquenta. E continua seus escritos:

Istambul,
Minha muito querida Veinha,

[...] Nas Mesquitas, ajoelhados, beijam o chão e com os olhos na direção de Meca. A Terra Sagrada se inunda de esperança e compreensão. [...]. Sua história é toda uma série de acontecimentos onde a ambição e a crueldade transformaram os homens em bestas. Os cemitérios com jardins abandonados em torno das centenas de Mesquita dão uma estranha impressão de aceitação e CONVIVÊNCIA com a morte.

Em VISTA dos acontecimentos no Egito a VIAGEM para Beirute e Cairo foi suspensa, por isto em VEZ de fazer o roteiro PREVISTO seguirei VIA Karachi para NOVA Delhi. Não há razão para preocupação, pois a nossa direção é oposta a zona do conflito. Vi uma das mais fabulosas coleções de porcelana chinesa e uma coleção de jóia das mais ricas que se possa imaginar. Estou absolutamente certo de que nossa vida vai mudar completamente depois dessa viagem. Não imaginas como ela me tem transformado.

Nunca mais ficarei longe de minha Veinha. Para o resto de nossa vida isto eu afirmei nestes últimos dias e será cumprido.

Muitas saudades e beijos, seu

A viagem, embora cultural, transforma-se numa viagem pessoal, de interior, em busca dos sentimentos em relação ao casamento, à vida a dois. Um voltar-se para dentro de si mesmo, refletido na expressão “me tem transformado”, palavras que demonstram sentimentos de introspecção, da leitura do ethos, como assinala Foucault (1992), explicitando a certeza de uma mudança na relação, numa demonstração de romantismo e pacto pessoal. Essa característica é bastante ressaltada, à medida que ele se distancia geograficamente dela, pois, quanto maior a distância, mais se aproxima do amor que os une, um sentimento que se move na direção do amor eterno, bíblico: “nunca mais ficarei longe de minha Veinha. Para o resto de nossa VIDA isto eu afirmei nestes últimos dias e será cumprido”, até que a morte os separe, mostrando uma crença pelo viés amoroso, levando-o a se mover e acreditar na possibilidade do caminho eterno.

O texto, que vai revelando um homem que se coloca diante da iniciativa de autobiografar, é escrito pelo seu próprio agente, marcado pelo discurso do amor em relação a Eloah, como mulher, para uma vida inteira, mulher dos sonhos, dos desejos e dos sentimentos, que deverão perdurar pelo resto de suas vidas, como se pode perceber no enunciado de despedida: muitas saudades e beijos, seu Simeão. Ato em que se coloca como pertencente a ela.

Simeão querido,

De Atenas recebi tua cartinha. Ando preocupadíssima com os rumores de uma nova guerra. Tenho passado noites em claro pensando que algo possa te acontecer. As notícias que escuto pelo Repórter Esso e leio no jornaes são alarmantes. A opinião geral é que marchamos para uma terceira guerra mundial.

Simeão Leal expõe, por meio de um discurso afirmativo; “de quem agora tem a certeza absoluta de que quer minha Veinha”, as ações de quem não estava bem engajado nessa relação. A separação física, proporcionada pela viagem, sem a companhia da esposa, trouxe-lhe uma sensação de perda e, ao mesmo tempo, de apego. Assim, ao elaborar a descrição das cidades, ele vai construindo verdades e, nesses discursos, acaba revelando declarações que formalizam a escrita de si.

O escrito parece revelar sua preocupação com o bem-estar de Eloah, que sofre, inicialmente, pela indiferença do marido antes da partida, pela separação física dos dois e pelos problemas de saúde que sozinha enfrentara. Em termos de linguagem, Simeão antecipa a preocupação de Eloah e tenta minimizar, com a promessa de um retorno bem sucedido e a concretização de uma dupla felicidade, com a afirmativa: “Não há razão para preocupação, pois a nossa direção é oposta à zona do conflito”. Leia-se, a seguir, a manifestação de Eloah, que se harmoniza com os escritos do marido:

Simeão querido,

De Atenas recebi tua cartinha. Ando preocupadíssima com os rumores de uma nova guerra. Tenho passado noites em claro pensando que algo possa te acontecer. As notícias que escuto pelo Repórter Esso e leio no jornaes são alarmantes. A opinião geral é que marchamos para uma terceira guerra mundial Penso que nossos planos serão todos alterados, aguardo com ansiedade notícias tuas. Meu querido, peço-te por tudo que não me deixes sem notícia. Posso aValiar a emoção que sentistes ao deparar com um cenário fantástico e MARAVILHOSO de ruínas, museus etc., que é Atenas. Que maraVILHA DEVe ser o Paternon todo iluminado! Tu carta me fez viver um pouco desta beleza que a Grécia esta impregnada.

Dizem que quando se VOLTA a Ver um país pela segunda Vez, descobre-se noVOS encantos. Assim aconteceu contigo ao REVERES Roma.

A recuperação da Itália é total.

Fico feliz em dizeres que minha presença te é necessária; e fico muito mais ainda em afirmares que jamais me deixarás outra vez. Dou graças a Deus que assim tenhas compreendido. Sofro tanto com essa separação!

Com os noVOS acontecimentos, tua problemática ida a América e o meu tratamento que TALVeZ irá até o fim do mez, nada RESOLVI sobre minha ida ao Sul.

Já iniciei o tratamento e tenho tido reações fortes com as aplicações de Raio X. Estou de repouso quasi absoluto.

Quem ficou muito agradecido com o telefonema que dei, apresentando teu abraço de despedida, foi o Dr. Guimarães Rosa.

Acredito que até o fim de noVembro sairá o ELEVador. Estão todos muito interessados.

Quando voltares daremos inicio a reforma do nosso apartamento.

Tenho telefonado diariamente para o “SERVIÇO” falo com Rinaura ou D. Lúcia.

Saiu o LIVRO do Cassiano Ricardo, e o “Cajueiro”, de Mauro Mota, está quasi paginado. O resto Vae correndo bem.

Meu único desejo é que voltes o mais breve possível. Muitas saudades e beijos carinhosos, da tua, sempre tua.

Eloah (05/11/1956)

A escrita da paixão, da qual se apropria Eloah, inicia com evocação do querer querido, ao mesmo tempo em que demonstra carinhosamente sua preocupação com o bem-estar do marido, ao dizer: “Tenho passado noites em claro pensando que algo possa te acontecer”. E, sutilmente, alimenta sua presença no interior do outro, apesar da distância física: “guardo com ansiedade notícias tuas. Meu querido, peço-te por tudo que não me deixes sem notícia”. Nesse jogo discursivo, ela vai estabelecendo um elo de saudade, exigência e dependência, em vários sentidos dele em relação a ela e vice-versa, dependência profissional, considerando que ela o mantém informado sobre o Serviço de Documentação, embora esse tipo de notícia lhe pudesse ser fornecido pelos próprios funcionários da casa. Todavia, ao partir dela, as informações corroboram sua preocupação com o lado profissional do marido, ampliando as possibilidades de uma relação bem-sucedida, e evidenciam o companheirismo também nos trabalhos profissionais e editoriais que ela acompanha de perto, transformando-se, na ausência do esposo, em secretária particular. A carta de Eloah revela os aspectos do amor e ainda fala do interesse de vários escritores a respeito de Simeão, buscando notícias, entre eles, destacam-se Carlos Drummond de Andrade, Celso Cunha e Guimarães Rosa.

Esse interesse foi revelado, de forma mais explícita, nas dedicatórias que examinei no quinto capítulo deste estudo. Eloah retoma o discurso da intimidade de uma relação construída – “Quando VOLTARES daremos início a reforma do nosso apartamento” – demonstrando a importância da participação do outro na estruturação do seu espaço que lhes é privativo. Então, deseja o rápido retorno de Simeão e despede-se, com uma demonstração de saudades exacerbada, daquela que lhe pertence:

Calcutá
Minha muitíssima querida Veinha,

Como não tenho nenhuma nota VOU apenas registrar o que foi para mim a VISÃO soberba do Tajmahal. HOUVE lá algum tempo um magnífico e poderoso marajá que para manter VIVA a lembrança de sua bem amada quando ela morreu mandou construir um monumento de mármore e pedras preciosas pelos maiores artistas de seu tempo para realização desta obra INIGUALÁVEL VINTE mil homens trabalharam dezoito anos. Quando a luz macia da tarde COMEÇAVA a derramar pela paisagem agreste de seus imensos domínios ele ia para a VARANDA de seu esplêndido palácio agora sem alegria daquela a quem ele tanto amou e punha-se a olhar o Tajmahal até que a noite começasse e a lua surgisse lá no fim da planície desse espetáculo INSUPERÁVEL e sobrenatural encanto.

E quando já VELHO o único pedido que fez, era que lhe pusesse num lugar de onde pudesse contemplar aquele monumento que tinha sido o testemunho de fidelidade ao seu amor.

Hoje estão lá os dois esquifes lado a lado na NAVE central unidos na morte como na VIDA. E o Tajmahal ficou como símbolo para todos aqueles que têm alegria do amor presente ou a tristeza do amor perdido.

Assim que cheguei a Agra fui logo Ver o monumento mais famoso que a força do amor fez erigir em todos os tempos.

Era uma tarde mansa e doce, não tinha mais sol, mas havia bastante luz para que o Tajmahal flutuasse contra as nuvens.

A sua brancura quase irreal mais se distancia num céu que ainda tinha LAIVOS AVERMELHADOS se espalhando no horizonte. Senti então uma das mais profundas emoções de minha vida e a saudade que senti de minha querida foi tão intensa que foi como se eu tivesse a inevitável sensação de sua presença física ao meu lado. Nunca tinha experimentado como naquele momento que você além de minha doce amada você era carne da minha carne, sangue do meu sangue.

Um milhão de beijos do seu

(07/11/1956)

No registro romanceado em carta para Eloah, Simeão relata o caso do amor eternizado pelo Marajá, um relacionamento abençoado pela esplêndida beleza do Tajmahal. Intencionalmente ou não, Simeão continua a registrar impressões e emoções, comparando a riqueza simbólica do Marajá com a relação entre eles, cuja força, embora não esteja explícita, é demonstrada pela sequência narrativa dos acontecimentos.

O discurso epistolar empregado por Simeão parece proposital, considerando-se a diferença entre ele e o Marajá pois ainda havia tempo e possibilidade de recuperar o amor antes abalado e, agora, aproximado pelas reflexões propiciadas pela distância, enquanto ao Marajá restava apenas a contemplação do simbólico. No “INEXPRIMÍVEL amor” é, pois, um apaixonado que fala, confessando: “Senti então uma das mais profundas emoções de minha VIDA e a saudade que senti de minha querida foi tão intensa que foi como se eu TIVESSE a INEVITÁVEL sensação de sua presença física ao meu lado. Nunca tinha experimentado como naquele momento que VOCÊ além de minha doce amada VOCÊ era carne da minha carne, sangue do meu sangue”. O discurso se intensifica ainda mais: “carne da minha carne/sangue do meu sangue”, de modo que sai do plano material e vai em direção ao plano do espírito, do eu interior, e termina por sufocá-la com “um milhão de beijos”.

As cartas minimizam, simbolicamente, a dor da separação, quando ele aproveita a descrição do roteiro de viagem para descrever o roteiro do amor que transita nesse território intimista.

Nas cartas de Simeão para Eloah, pré-existe, também, a função pragmática de atuação de um sobre o outro, de recurso para fazer o outro ver/perceber o mundo como ele vê e o concebe, ou fazer o destinatário assumir suas crenças e seus desejos. Eloah compreendeu bem a mensagem e a colocou como intermediária entre as palavras descritas e a realidade. Parece

que, nesse momento, o importante é o compartilhamento das palavras, já que crer dispor da verdade:

Meu muito querido,
SALVe 13 de noVembro! Feliz ANIVersário.
Acordo e beijo-te. Outra vez, mais outra e assim em pensamento abraço-te e beijo-te milhões de vezes.
Que exagero VEINHA!...
Como é triste estar tão longe de ti.As saudades que tenho sentido do meu querido veinho me fazem compreender o quanto te quero e o que significas para mim. Tuas cartas são motivos de grande alegria. Espero-as com tanta ansiedade, que o carteiro quando as traz, sobe em primeiro lugar ao nosso apartamento, tendo sempre uma palavra carinhosa para comigo, pois, já sabe que vêm do meu bem. Fico feliz, muito feliz em dizeres que não viajarás mais sozinho. Acredito meu veinho e dou graças a Deus por pensares assim.
Fiquei impressionada com tuas impressões sobre Istambul.
Dentro de sua simplicidade DEVE ser um espetáculo grandioso e ao mesmo tempo COMOVENTE, esse POVO CRENTE impregnado de sua INABALÁVEL fê, beijando o chão das mesquitas.
Achei linda e poética essa rosa esculpida nos túmulos das VIRgens.
DEVES te sentir feliz por teres tido essa grande e única oportunidade de VERES e sentires de perto CIVILIZAÇÕES de Séculos e Séculos.
Com os novos acontecimentos, talvez tenhas que interromper teu itinerário, o que será um a lástima. Ficarei com pena se não realizares o que tens VONTADE, mas não DEVES facilitar em época de guerra.

As últimas notícias que OUVI pelo “Repórter Esso” são mais tranquilizadoras.
A distância que nos separa é tão grande que basta isso para me deixar intranquila. Peço que tenhas todo cuidado.
Tinha esquecido de te dizer que HAVIA escrito para os teus queridos e bons VELHINHOS. [...]
Com este contacto diário que tenho tido com o “SERVIÇOS”, acredito que quando VOLTARes irei tomar o teu lugar, para fazer jus ao ordenado que recebo, não achas? Edy tenciona ir para o Sul em fins de noVembro. Aguardo notícias mais POSITIVas sobre o prosseguimento de tua VIAGem para rESOLVer minha ida também. Ela te manda um abraço.
Mais uma Vez recebe milhões de beijos e abraços carinhosos daVeinha saudosa que te quer muito.

Eloah (13/11/1956)

A carta, mais do que a escrita de memórias, é o documento de uma história pessoal e o registro das situações e reflexões do momento, como assinala Andrade (1988). O memorialista, na opinião do autor, teria tempo de selecionar e racionalizar as lembranças de momentos vividos. Esse processo já seria uma maneira de alterar a verdade. Na carta, ao contrário, a distância entre o vivido e o escrito é menor, por isso o missivista imprime à escrita certa multiplicidade de temas, de acordo com as circunstâncias, do momento e da personalidade de seu interlocutor. Assim, a escrita alimenta e dinamiza a construção do texto, no qual o escrevente articula um pacto de veracidade com o interlocutor. É essa cumplicidade que faz da troca epistolar um jogo de relações, cuja abertura do remetente deixa brechas para o reconhecimento do destinatário, que atua como corresponsável por aquilo que será exposto pelo

autor da carta. Nessas circunstâncias, certas afirmações podem ser observadas de uma carta para outra, para o mesmo interlocutor, como se pode conferir no exemplo da carta escrita em Nova Delhi, na qual Simeão intensifica suas intenções ao escrever:

Delhi

Minha muito querida Veinha,

Hoje foi um dos dias que TIVE mais saudades de VOCÊ.

O seu telegrama foi uma festa para mim, pois não tinha ainda recebido notícias suas. Esta DEVE ser a quarta carta que lhe estou mandando. Tenho tido nesta VIAGEM uma das maiores experiências de minha VIDA.

Não falo da soma de conhecimentos com que naturalmente VOU acumulando à medida que ABSORVO temas e gentes diferentes. Queria me referir a nossa VIDA. A VIDA que tenho certeza será a nossa daqui para frente e que não se perturbará por cousas sem importância. Estou absolutamente certo que a VIAGEM fez com que nosso olhar se abrisse para uma felicidade que de tão EVIDENTE só não nos DÁVAMOS conta. [...]. Sem você ao meu lado as cousas não têm o mesmo encanto e hoje já não tenho pudor de comunicar aos estranhos minhas emoções. Esta carta não fala do que tenho visto porque hoje mais do que os outros dias só a imagem da minha adorada Veinha está presente na minha imaginação.

Um milhão de beijos do sempre,
(13/11/1956)

Afetado, provavelmente, pela melancolia de sua data natalícia, longe dos seus, Simeão, especificamente nesta carta, deixa fluir seu lado etnográfico e declara: “Sem VOCÊ ao meu lado as cousas não têm o mesmo encanto e hoje já não tenho pudor de comunicar aos estranhos minhas emoções. Esta carta não fala do que tenho VISTO porque hoje mais do que os outros dias só a imagem da minha adorada Veinha está presente na minha imaginação”.

Não havia de escapar a Eloah uma palavra sequer, expressa na carta de Simeão, principalmente no momento de fragilidade em que se encontrava, provocado pela separação temporária de seu esposo e pelo estado crítico de sua saúde, o qual, embora repetidas vezes mencionado, não foi revelada a natureza do tratamento nem a causa e o tipo de doenças. Segue, como síntese, aquilo que bem traduz o que se fez presença na memória de Eloah, fortalecendo a relação de dezenove anos:

Meu Veinho muito querido,

[...] Nunca te quis tanto como agora, meu querido. Tens razão em dizeres que não compreendíamos a felicidade que possuíamos. Foi preciso que mais uma Vez nos separássemos, para sentirmos a grande ternura que temos um pelo outro.

Não podes calcular a saudade e o meu sofrimento com essa separação... A única consolação que tenho tido são tuas cartas, onde deixas transbordar todo o carinho que tens por mim. [...].

Dentro do meu sofrimento, agradeço a Deus este sacrifício, que Veio trazer uma certeza que tanto PRECISÁVAMOS, para dar a nossa VIDA outra finalidade. Tudo farei para que assim seja.

Em minhas cartas anteriores, MANDAVA sempre um pequeno relatório dos principais acontecimentos do “SERVIÇO”, querendo desse modo manter-te sempre a par do mesmo.

Recebi cartas dos teus bons e queridos Velinhos. Vão bem e enVIAM abraços para o querido filho. Terminei as aplicações de Raio X e como tenho que me submeter a outros tratamentos RESOLVI não ir mais ao Sul.

Aqui fico aguardando tuas resoluções.

Beija-te com todo o carinho a VEINHA que muito te quer e morre de saudades.

Eloah (21/11/1956)

Eloah reafirma para Simeão a possibilidade de um “pacto” de eternização desse amor incalculável: “não podes calcular a saudade e o meu sofrimento com essa separação... A única consolação que tenho tido são tuas cartas, onde deixas transbordar todo o carinho que tens por mim”, capaz de ratificar os excessos e conduzi-lo, mais uma vez, ao discurso religioso, ao afirmar: “agradeço a Deus este sacrifício, que Veio trazer uma certeza que tanto PRECISÁVAMOS, para dar a nossa VIDA outra finalidade. Tudo farei para que assim seja”, possibilidade de conduzir esse amor à eternidade, é o que conferem as palavras de Simeão na significância do amor, agora, para eles, visto como fonte de vida. Na prática epistolar, Simeão parece representar seu momento interior com as cartas, enviando-as, recebendo-as/ respondendo-as e arquivando-as, uma prática na qual ousa se expor, confidenciando:

Phanon-penh

Minha querida Veinha,

Do meu quarto de hotel ouço uma linda e triste melodia [...].

São dez horas e está choVendo fortemente nesta cidade que é a capital do Reino do Camboja. A despeito de ser uma grande cidade com bairro europeu completamente separado do dos NATIVOS não Há uma só LIVRARIA, a não ser uma comunista em língua nacional.

[...] ESTIVE em Siem-Riep nas fabulosas ruínas dos anjos, uma das mais extraordinárias CIVILIZAÇÕES que desaparecera totalmente, restando apenas testemunhos alguns templos de pedra.

Seguirei depois de amanhã para Cochinchina em Saigon. De Tóquio lhe telegrafarei dizendo o dia que chegarei em Paris para receber minha muito querida Veinha. Cada vez com mais saudades. Não se esqueça de trazer uma novidade com mais de dez centímetros. Aguardo ansiosa a sua VINDA.

Beijos, beijos e mais beijos,

(17/12/1956)

Quando da leitura preliminar do corpus, percebi alguns pontos de análise: o primeiro traz a lume a questão do sentimento de perda vivenciado pelos missivistas; o segundo, a questão da solidão e o terceiro, da (re)conquista, que vai sendo alimentada pela insistência, reiterando suas conquistas, que pareciam perdidas, despedaçadas.

É nesse aspecto em que entra o papel do discurso, centrado na crença de que as palavras provêm, representam e revelam intenções e fatos, levando-nos a acreditar que cada um constrói

e é construído como matéria discursiva (Foucault, 1992), na subjetividade e na camada mais íntima de cada um, muitas das vezes, imprevisíveis. O que se percebe é que as palavras evidenciam como podem ser utilizadas com engenho e arte para descrever vários sentimentos entre os missivistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das cartas trocadas entre José Simeão e Eloah, revelam aspectos que podem enquadrá-las na perspectiva dos egodocumentos refere-se a um tipo de escrita que oferece uma visão íntima dos pensamentos, sentimentos e perspectivas dos dois missivistas, sobretudo em razão do caráter sincero e espontâneo, o que as torna valiosas para quem deseja estudar a construção da identidade e subjetividade dos seus autores. Em outras palavras as cartas registram emoções, pensamentos, percepções e reflexões pessoais. Características que as tornam valiosas porque costumam ser escritas em momentos de troca íntima e direta entre o autor e o destinatário, permitindo uma comunicação mais espontânea e autêntica.

Nas correspondências analisadas, os missivistas revelaram aspectos e sentimentos de seus cotidianos, suas relações interpessoais, além de suas crenças e opiniões, sejam eles pessoais ou históricos. Todavia, uma escritura capaz de capturar a individualidade e a experiência emocional, mostrando como os autores se posicionaram diante do mundo e de si mesmos.

Outro aspecto a ser considerado, é o fato das cartas, em geral não foram produzidas para serem publicizadas o que lhes confere um ar de espontaneidade que reflete com maior fidelidade os pensamentos e sentimentos dos missivistas, proporcionando um contato mais direto com sua interioridade. Isso as torna uma fonte indispensável para quem busca estudar a construção da identidade, as experiências pessoais e as relações sociais em diferentes períodos da história.

Os aspectos considerados são reforçados na leitura do fragmento da música “Deve Ser Assim”, nos lembra que: Guardar uma coisa é olhá-la, / fitá-la, mirá-la por admirá-la. / Isto é: iluminá-la ou ser por ela iluminado. / Estar acordado por ela, Estar por ela, / Ou ser por ela...Foi nesse intuito que lemos as cartas trocadas entre José Simeão Leal e Eloah Drummond, porque entendemos que mesmo, sob os efeitos da história, as cartas preservadas devem ser acessadas possibilitando iluminar vidas ou por elas ser iluminadas. Ou seja, possibilitar através das lentes do tempo presente percorrer o passado ou aquilo que os institui, especialmente quando pactuamos do entendimento de que os documentos enquanto produtos da cultura humana

deixam legados das mais variadas ordens, conforme nos afirma Thiessen (2013, p. 27): Visíveis ou invisíveis, os produtos da experiência do homem em sociedade também constituem legados/memórias”.

Esses legados culturais ou infomemoriais podem compor o que denominamos de egodocumentos capazes de revelar, por meio de uma escrita de si, a trajetória de pessoas, de famílias ou de instituições, que sejam de caráter público ou privado. Nessa linha de raciocínio, afirmamos que as cartas se revestem de sentidos e singularidades ao serem capazes de ler o passado no presente enquanto construção permanente de sucessivas atualizações.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Brenda Alves de. **Informações epistolares: memórias em envelopes**. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo: cartas de Mário a Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Record, 1988

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. São Paulo: Edusc, 2006.

ARROU-VIGNOD, Jean-Philippe. **Les Discours des absents**. Paris: Gallimard, 1993.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informações e Memória: as relações na pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Lisboa: Edições 70, 1974.

BRITTO, Augusto César Luiz; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 32, n. 2, p. 98-129, jul./dez. 2018.

CAMARGO, M. R. R. M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). **Refúgios do eu: Educação, História, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres. 2000.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique, 2007. 316 p.

FOUCAULT, Michel. Escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. 2. ed. [S.l]: Passagens, 1992.

GOMES, Angela Maria De Castro (Coord.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PACHECO, Leila Maria Serafim. Informação enquanto artefato. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan/jun. p. 20-24, 1995.

THIESEN, Icléia. **Memória Institucional**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

Recebido/ Received: 13/11/2024

Aceito/ Accepted: 05/01/2025

Publicado/ Published: 03/03/2025